REVISTA DO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
ISSN 2763-9398

ENTRE O ENCONTRO E A ESCRITA: HOSPITALIDADE NA PESQUISA EM COMUNICAÇÃO

BETWEEN THE ENCOUNTER AND WRITING: HOSPITALITY IN COMMUNICATION RESEARCH

ENTRE LO ENCUENTRO Y LA ESCRITURA: HOSPITALIDAD EN LA INVESTIGACIÓN EN COMUNICACIÓN

Original recebido em: 17 de fevereiro de 2025
Aceito para publicação em: 24 de julho de 2025
Publicado em: 24 de setembro de 2025

Renata Coutinho de Moura
Vanessa Cardozo Brandão

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo

RESUMO

Este trabalho discute a escrita de si e a virada afetiva como métodos éticos, estéticos, políticos e de hospitalidade na pesquisa em Comunicação, os quais fundamentam uma pesquisa-ação, em desenvolvimento, com trabalhadoras sexuais trans e travestis. Articulando ação e reflexão, as abordagens desestabilizam hierarquias discursivas e valorizam a alteridade, visando impedir a redução dos sujeitos com quem pesquisamos a categorias teóricas e normativas. Fundamentado nos conceitos de alteridade (Emmanuel Lévinas) e hospitalidade (Jacques Derrida), o estudo reconhece a importância dos afetos e da vulnerabilidade de pesquisadores, evidenciando que a produção de conhecimento pode ser construída a partir de um comum, uma prática compartilhada de escuta e acolhimento. A escrita de si permite que o outro se inscreva em sua própria linguagem, sem imposições ou traduções que diluam sua singularidade. Esse gesto de abertura e hospitalidade convoca um compromisso ético da pesquisadora, que reconhece sua implicação em relação ao outro. Tal prática possibilita a construção de uma pesquisa realizada com os sujeitos e não sobre eles, ampliando os modos de saber, narrar, existir, transformar e se transformar.

Palavras-chave: Hospitalidade; Alteridade; Ética; Política; Epistemologia.

ABSTRACT

This paper discusses self-writing and the affective turn as ethical, aesthetic, political and hospitality methods in Communication research, which underpin an action research project being developed with trans and transvestite sex workers. Articulating action and reflection, the approaches destabilize discursive hierarchies and value otherness, preventing the reduction of the subjects we research with to theoretical and normative categories. Based on the concepts of

otherness (Emmanuel Lévinas) and hospitality (Jacques Derrida), the study recognizes the importance of the researcher's affections and vulnerability, showing that the production of knowledge can be built from a common, shared practice of listening and welcoming. Writing oneself allows others to inscribe themselves in their own language, without impositions or translations that dilute their uniqueness. This gesture of openness and hospitality calls for an ethical commitment from the researcher, who recognizes his or her implication in relation to others. A practice that enables the construction of research carried out with the subjects and not about them, expanding the ways of knowing, narrating, existing, transforming and transforming themselves.

Keywords: Hospitality; Alterity; Ethics; Politics; Epistemology.

RESUMEN

Este trabajo busca investigar la autoescritura y el giro afectivo como métodos éticos, estéticos, políticos y de hospitalidad en la investigación en Comunicación, que sustentan un proyecto de investigación-acción que se está desarrollando con trabajadoras del sexo y travestis transexuales. A la articular acción y reflexión, los enfoques desestabilizan las jerarquías discursivas y valoran la alteridad, impidiendo la reducción de los sujetos con los que investigamos a categorías teóricas y normativas. A partir de los conceptos de alteridad (Emmanuel Lévinas) y hospitalidad (Jacques Derrida), el estudio reconoce la importancia de los afectos y la vulnerabilidad del investigador y de la investigadora, mostrando que la producción de conocimiento puede construirse a partir de una práctica común y compartida de escucha y acogida. Escribir uno mismo permite que otros se inscriban en su propio idioma, sin imposiciones ni traducciones que diluyan su unicidad. Este gesto de apertura y hospitalidad exige un compromiso ético por parte de la investigadora, que reconoce su implicación en relación con los demás. Una práctica que posibilita la construcción de investigaciones realizadas con los sujetos y no sobre ellos, ampliando las formas de conocerse, narrarse, existir y transformarse.

Palabras clave: Hospitalidad; Alteridad; Ética; Política; Epistemología.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo, de caráter ensaístico e reflexivo, apresenta uma etapa fundamental da pesquisa-ação em curso intitulada “Escritas de si de trabalhadoras sexuais trans e travestis: a estética da (r)existência”, desenvolvida no campo da Comunicação Social entre 2024 e 2025. A pesquisa investiga a escrita de si como gesto estético-político realizado por trabalhadoras sexuais trans e travestis, buscando compreender se e de que modo essas práticas constroem subjetividades atravessadas pelo estigma e promovem formas de (re)existência e (re)invenção de si. A pesquisa toma as políticas da escrita como eixo central. Este artigo, no entanto, se dedica exclusivamente à discussão dos fundamentos teórico-metodológicos que orientarão a fase de campo, compreendida como parte estruturante do desenvolvimento da pesquisa. Desta forma, trata-se aqui de articular referenciais conceituais e escolhas metodológicas que

antecedem o encontro com as participantes, constituindo um momento de problematização, no qual se forjam perguntas, deslocamentos e critérios de leitura fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa-ação.

Ressalta-se, portanto, que este artigo não apresenta resultados empíricos, mas se configura como um esforço de construção teórico-metodológica e ético-política que sustenta e dá densidade ao percurso investigativo. O objetivo é propor reflexões que sustentem a criação de um espaço de pesquisa sensível e partilhado, ancorado em quatro dimensões interligadas: alteridade, hospitalidade, afetos e vulnerabilidade – esta última compreendida como condição comum e força mobilizadora de uma investigação comprometida com a transformação dos modos de existir.

A etapa de campo, prevista para o segundo semestre de 2025, será marcada pela criação de um espaço compartilhado de relato de si, no qual as participantes serão convidadas a experimentar práticas de escrita por meio de exercícios orientados. A proposta visa construir um território comum de enunciação e partilha verbo-audiovisual, sustentado pela escuta atenta e pelo cuidado mútuo. Trata-se de uma investigação orientada por uma ética da abertura à alteridade, construída "com" e não "sobre". Destaca-se que o conhecimento prévio da pesquisadora em trabalhos com trabalhadoras sexuais, trans e travestis favorece a construção de vínculos de confiança e a criação de um ambiente seguro de escuta e invenção coletiva.

Adaptada às especificidades das participantes[1] –, sujeitas atravessadas por múltiplas formas de precariedade e violência – para a prática de escrita adota-se o método criado por Juarez Guimarães Dias (2021)[2]. No projeto "Quem conta a sua história?", Dias (2023) não apenas aplica seu método, mas demonstra como a escrita autobiográfica e performativa de sujeitos LGBTQIAPN+ em grupos de WhatsApp pode funcionar como dispositivo de comunicação insurgente, ao viabilizar a produção de narrativas próprias em espaços digitais. Para o autor, essas práticas, ao estimularem a partilha, a escuta e a experimentação estética, desestabilizam modelos tradicionais de produção de sentido e favorecem o aparecimento de subjetividades historicamente apagadas ou distorcidas.

[1] Ainda que inspirado no método de Dias (2021/2023), este percurso se reinventa no contato com os territórios, atravessado pelas estéticas, linguagens e histórias partilhadas pelas participantes.

[2] Disponível em: <https://www.tradicaoplanalto.com.br/_files/ugd/5aa373_ebce978972354831badae521de83d93c.pdf > Acesso em: 30 jan. 2025.

As práticas de escrita de si, enquanto ações que articulam subjetivação, ética e resistência, encontram em Michel Foucault uma base fundamental para sua compreensão. Foucault (2004) concebe esta prática como um exercício no qual o sujeito se constitui pela linguagem, transformando sua relação consigo mesmo e com o mundo. Mais do que um registro individual, a escrita de si se configura como um gesto ético e político capaz de desestabilizar normatividades e hierarquias discursivas. Como aponta Rago (2006), essa prática vai além da autobiografia ou da confissão, operando como um gesto que desafia referências culturais e sociais vigentes. Os relatos não apenas documentam vivências, mas instauram espaços de intersubjetividade, encontro e reinvenção.

Se a escrita de si, como propõe o filósofo, instaura um espaço de encontro e reinvenção, as reflexões de Emmanuel Lévinas e Jacques Derrida permitem adensar as implicações éticas desse encontro. As reflexões sobre alteridade e hospitalidade oferecem um campo fértil para discutir as relações entre sujeitos, narrativas e epistemologias. Para Lévinas, a alteridade é o fundamento de toda relação ética. O Outro, em sua diferença absoluta, não pode ser reduzido a uma projeção do eu ou às categorias da pesquisadora. O encontro é atravessado por uma assimetria radical, na qual o rosto do Outro, em sua presença concreta e vulnerável, interpela e convoca à responsabilidade. Derrida, por sua vez, amplia essa concepção ao propor a hospitalidade como gesto político e ético que acolhe o outro sem condições. Essa hospitalidade, ao mesmo tempo, ética e arriscada, implica abertura ao que desestabiliza, ao que escapa à compreensão, exigindo uma escuta ética atravessada pela presença do outro.

A aproximação entre as noções de alteridade e hospitalidade ajuda a pensar formas de pesquisa que não apenas reconhecem as sujeitas vulnerabilizadas com quem se investiga, mas que também se deixam afetar por elas, criando, assim, um espaço comum que é também de transformação. Dito de outro modo, estas teorias permitem explorar a dinâmica entre o eu e o outro, evidenciando gestos de abertura, acolhimento e responsabilidade ética, onde a alteridade é compreendida como base para uma pesquisa na qual a pesquisadora assume uma postura de escuta, enquanto a outridade[3] se torna condição para uma investigação que se permite afetar.

[3] Outridade remete à condição de ser outro, enfatizando a diferença radical entre sujeitos. Em relação à alteridade, que enfatiza a relação ética com o Outro (como em Lévinas), a outridade pode ser entendida como a condição de quem ocupa essa posição de outro, destacando sua experiência e existência em relação a um centro normativo. Na pesquisa em comunicação, a outridade pode ser mobilizada para problematizar dinâmicas de poder e representação, evidenciando como determinadas subjetividades são construídas como "outras" em relação a um modelo dominante.

Ao assumir a alteridade como fundamento ético do encontro, desloca-se o olhar para os próprios modos de produção do conhecimento e, mais especificamente, para como a comunicação pode ser compreendida não apenas como objeto, mas como experiência compartilhada que atravessa todo o processo investigativo. Neste contexto, observamos que a ciência positivista sustenta uma separação rígida entre o sujeito que observa e o outro, que é observado. Ainda que a fenomenologia valorize a experiência subjetiva, muitas vezes preserva a distinção entre sujeito e objeto, reforçando dinâmicas de poder. Em contrapartida, a dimensão estética da comunicação propõe um deslocamento, ao invés de centralizar os estudos nas mídias ou em suas dimensões técnicas, valorizam-se os próprios processos comunicacionais. Nessa perspectiva, a comunicação é compreendida a partir da experiência, da forma como os sentidos são organizados, partilhados e vividos. Marques e Martino (2015), com base nos mapeamentos críticos de França e Martino, apontam o crescimento de estudos que integram explicitamente a dimensão estética à reflexão em comunicação. Esses trabalhos demonstram que estética e comunicação são inseparáveis, pois é na experiência compartilhada que a comunicação se expressa como um gesto simultaneamente estético, político e relacional.

Brandão *et al.* (2019) destacam que o ideal de separar corpo e mente gerou a ilusão de uma razão autônoma capaz de subjugar os afetos, o que levou à sobrevalorização da racionalidade como único modo legítimo de conhecimento. A partir disso, retomam a crítica ao dualismo platônico e argumentam que a tarefa urgente do pensamento filosófico é justamente reverter essa cisão entre intelecto e afeto, reconhecendo-os como dimensões interligadas da experiência. Ao compreender intelecto e afeto não como pólos opostos, mas como dimensões interligadas da experiência, permite-se superar essa cisão e afirmar uma epistemologia que incorpore a dimensão sensível ao processo de conhecimento. Nessa perspectiva, a mediação entre razão e afetos configura-se como caminho fundamental (Brandão *et. al.* 2019).

Compreendida como experiência estética, a comunicação nasce do desejo de estar com o outro, de atravessar a diferença e enfrentar os desafios que a alteridade impõe. Esse encontro não é estável nem pacífico, ele se constrói em uma dinâmica agonística, marcada pelo estranhamento, pela dúvida e pela interpelação que impulsionam a interlocução. Marques e Martino (2015) afirmam que comunicar não se limita à transmissão de informações, mas se realiza na partilha de um espaço comum, onde os sujeitos, ao se encontrarem, transformam-se mutuamente. Nesse processo, a dimensão estética torna-se central, é no sensível, na forma como

o outro se apresenta e nos afeta, que se abre a possibilidade de encontro. Comunicar, portanto, é também habitar um território partilhado de afetos e práticas, onde ética, política e estética se entrelaçam, redefinindo modos de existência e os vínculos que sustentam o comum. É esse "comum vivo" que Sodré e Paiva (2010) descrevem quando afirmam:

> Comunicar é a ação de sempre, infinitamente, instaurar o comum da comunidade, não como uma entidade agregada, mas como uma vinculação, portanto, como um nada constitutivo, pois o vínculo é sem substância física ou institucional, é pura abertura na linguagem (Sodré, Paiva, 2010, p.18).

Para os autores, o comum não é uma abstração neutra, mas algo que se constrói na partilha de práticas de linguagem e na criação de pertencimento. Em contextos de desigualdade, o comum emerge como uma possibilidade de reorganização simbólica da vida, um "entre" construído na escuta e na resistência. O comum não antecede o vínculo, ele se produz quando há espaço para que corpos dissidentes também enunciem, transformando a comunicação em gesto de coabitação sensível.

Pensar o método desta pesquisa é, ao mesmo tempo, exercício de rigor e de invenção, uma travessia que transcende normas técnicas e se enraíza na experiência viva do processo investigativo. Como destacam Marques e Martino (2015), a aproximação entre estética e comunicação permite compreender o cotidiano como campo de criação, no qual a experiência se expressa pelas estratégias dos sujeitos diante do mundo e do outro. Ancorado em uma abordagem plurivocal, o método busca articular a pesquisadora não apenas às sujeitas da pesquisa, mas também à sua própria subjetividade, aos atravessamentos institucionais e às condições sociais e históricas que moldam sua presença no campo, inaugurando, assim, uma prática investigativa implicada e relacional.

A noção de hospitalidade, tal como formulada por Derrida e articulada à ética da alteridade em Lévinas, fundamenta diretamente o método proposto nesta pesquisa. Trata-se de compreender o campo como um espaço de abertura ao outro, no qual a escrita de si opera como prática ética e política de subjetivação. A pesquisadora, ao ceder lugar e escutar sem impor categorias, reposiciona-se como coabitante simbólica desse território. Assim, a hospitalidade não é apenas uma ideia que nutre a reflexão teórica, mas o princípio que estrutura o gesto metodológico, orientando tanto o vínculo com as participantes quanto a produção de conhecimento como experiência partilhada.

2. COMUNICAÇÃO, VIRADA AFETIVA E A PESQUISA COMO ENCONTRO

O ato de pesquisar é frequentemente descrito como um processo impessoal, que exige neutralidade e valoriza a objetividade. Contudo, Moriceau (2020) apresenta a dimensão afetiva como uma alternativa para a pesquisa em Comunicação, ao mostrar que, na virada afetiva[4], a escrita desafia a separação entre razão e emoção, reconhecendo os afetos como parte essencial da produção de conhecimento. Essa abordagem valoriza os encontros e as experiências que nos afetam, revelando pistas, abrindo caminhos e permitindo o acesso a dimensões que escapam ao puramente conceitual. A pesquisa torna-se um campo de problematização dos conceitos e teorias, que passam a ser tensionados e expandidos em vez de fixados como ferramentas estáveis e definitivas.

> A pesquisa começa menos com a teoria e o pesquisador, e mais com o encontro com o outro, com o mundo e com o evento, com o que está vindo – e assim se volta não para temas previamente identificados, mas para o que no encontro é percebido como estranho, sutil, incompreensível, surpreendente, favorecendo momentos de extrema intensidade e significância (Moriceau, 2020, p. 23).

Em outras palavras, trata-se de uma experiência direta com as sujeitas de estudo, em que teoria e campo se relacionam de forma não hierárquica, sem reduzir a empiria à adequação teórica. Aqui, a teoria não é um fim em si, mas uma ferramenta de reflexão. Dessa forma, o campo pode tensionar a teoria, revisitando aspectos que demandam novas formas de ver. Isso significa compreendê-lo como um espaço ativo de produção de conhecimento, capaz de revelar dimensões que escapam a uma lógica teórica pré-determinada. Para Moriceau (2020), os afetos têm uma função ontológica na pesquisa, provocam o desejo de investigar determinado assunto, movem o pesquisador, despertam seu interesse e, por vezes, até a necessidade de se engajar com um tema específico. Assim, os afetos funcionam não apenas como ferramenta metodológica, mas se revelam uma energia vital que confere significado e relevância à pesquisa para aqueles que a conduzem.

> Se escrevemos sob o impulso dos afetos, é precisamente porque fomos afetados, ou seja, fomos surpreendidos, tocados, transformados – não porque buscávamos ver algo definido a priori, ou porque quiséssemos provar que tínhamos razão, ou ainda porque queríamos seguir uma teoria. Eis que algo nos intriga, nos perturba, nos deixa com

[4]A abordagem afetiva da comunicação, desenvolvida por Moriceau, aproxima a experiência comunicacional da estética, entendida como momento singular e transformador da subjetividade em contato com o sensível. Ao valorizar o caráter experiencial da comunicação, articula-se o gesto praxeológico a uma perspectiva fenomenológica. Inspirado na "virada afetiva" (Letiche & Lightfoot, 2014), o pesquisador se deixa guiar pelos afetos, adotando-os como ponto de partida da reflexividade. Trata-se menos de extrair representações e mais de mergulhar no vivido, parcial, relacional e estético (Marques, Mendonça & Pessoa, 2020, p. 12).

> raiva. Sentimos que há algo sobre o que podemos testemunhar, algo que nos obriga a pensar (Moriceau, 2021, p. 18).

A pesquisa afetiva enfatiza a vulnerabilidade de quem pesquisa, cuja voz, marcada por incertezas, reflete uma abertura para o desconhecido, para o outro e para o enigmático. Os afetos desestabilizam certezas e promovem uma busca ética e criativa por formas de se relacionar e compartilhar experiências. Pensar a comunicação em uma perspectiva relacional significa reconhecer que a interação entre sujeitos ocorre não apenas no nível discursivo, mas também na esfera sensível, no compartilhamento da experiência. Como destacam Marques, Martino (2015, p. 35), "O estético e o comunicacional mantêm uma ligação necessária para sua mútua realização". Assim, a comunicação, ao se enraizar na alteridade, exige a abertura para o outro em um movimento que não busca dissolver as diferenças, mas criar um espaço comum de partilha.

Como exemplifica Favret-Saada (2005), a experiência de campo pode exigir mais do que observação ou empatia, pode requerer a aceitação de ser afetado, de se deixar atravessar pelas intensidades que escapam à representação. Em seu trabalho[5] etnográfico sobre a feitiçaria, realizado no Bocage francês, a autora acrescenta que somente quando os camponeses perceberam que ela havia sido afetada pelas forças simbólicas da feitiçaria, isto é, quando seu corpo e sua emoção evidenciaram uma verdadeira implicação no sistema de crenças, é que passaram a se comunicar abertamente com ela sobre o tema. Ser afetada ou afetado é, para Favret-Saada (2005), um modo de acesso a uma dimensão da experiência que não pode ser reduzida a categorias preexistentes:

> Por definição, esse gênero de empatia supõe, portanto, a distância: é justamente porque não se está no lugar do outro que se tenta representar ou imaginar o que seria estar lá, e quais "sensações, percepções e pensamentos" ter-se-ia então. Ora, eu estava justamente no lugar do nativo, agitada pelas "sensações, percepções e pelos pensamentos" de quem ocupa um lugar no sistema da feitiçaria. Se afirmo que é preciso aceitar ocupá-lo, em vez de imaginar-se lá, é pela simples razão de que o que ali se passa é literalmente inimaginável, sobretudo para um etnógrafo, habituado a trabalhar com representações: quando se está em um tal lugar, é-se bombardeado por intensidades específicas (chamemo-las de afetos), que geralmente não são significáveis. Esse lugar e as intensidades que lhe são ligadas têm então que ser experimentados: é a única maneira de aproximá-los (Favret-Saada, 2005, p. 159).

[5] Favret-Saada (2005), propõe uma etnografia do afeto e da exposição, onde o conhecimento não nasce da distância, mas da implicação sensível e da escuta situada. Ao perceber que os interlocutores só falavam com ela sobre o tema quando a consideravam afetada pelos efeitos da feitiçaria, a autora passou a questionar as metodologias tradicionais da antropologia.

Tal como propõe Favret-Saada (2005), tomamos como base, nesta pesquisa – ainda em fase de desenvolvimento empírico –, a disposição ética da pesquisadora em deixar-se afetar. Ou seja, a proposta de campo, realizada com trabalhadoras sexuais, trans e travestis, busca constituir um espaço no qual a pesquisadora também se permita ser atravessada pelas narrativas, reconhecendo o terreno de investigação como espaço de transformação mútua.

Em sua crítica, Favret-Saada (2005) observa que os pesquisadores que formulavam questionários padronizados, e obtinham respostas igualmente previsíveis. Este modelo de estratégia discursiva, não apenas desloca o fenômeno da feitiçaria para longe do falante, mas também impede qualquer escuta real sobre a experiência vivida daquilo que se quer investigar. Para ela, nessas circunstâncias, o pesquisador permanece protegido por um suposto saber objetivo, sem se deixar afetar ou interpelar pelas forças simbólicas que circulam no campo. "Ele pede que o escutemos, que nos exponhamos a ele e que o experimentemos, que procuremos apreendê-lo antes de fingir compreender" (Moriceau, 2021, p. 20). Quando transformado em algo conhecido e previsível, o afeto perde sua força, tornando-se inofensivo e incapaz de nos mover. Essa tendência de higienizar o afeto, reduzindo sua capacidade de nos contaminar e nos transformar, restringe a experiência a uma dimensão conceitual e anestesiada.

O relato de Favret-Saada (2005) aproxima-se do que Moriceau (2021) chama de escrita movida pelos afetos. Nesse modelo, a pesquisa não avança pela antecipação de resultados, mas pela surpresa, pelo desconcerto e pela urgência de refletir a partir das perturbações que nos atravessam. Além de reposicionar as relações de poder e saber, a virada afetiva configura-se como uma experiência capaz de transformar, em conjunto, tanto o método quanto o campo investigativo. Trata-se de um ponto de inflexão em que o pensamento acadêmico incorpora sensações, gestos e subjetividades, não meramente para compreender o outro, mas para permitir-se ser atravessado por ele. A escrita, nesse contexto, deixa de ser apenas ferramenta analítica e assume o papel de espaço de passagem recíproca com quem se investiga. Essa virada não é um conceito rígido, mas um limiar de encontro com o estranho, uma experiência que nos convoca a vivê-la antes de categorizá-la. E é essa compreensão da escrita que fundamenta a proposta metodológica desta pesquisa-ação, a ser realizada junto ao grupo de trabalhadoras sexuais trans e travestis.

Portanto, a perspectiva estética da comunicação propõe um deslocamento do entendimento estritamente cognitivo para uma abordagem que integra o sentir e o experienciar.

Isso implica compreender o ato comunicativo como um processo dinâmico de relação, no qual a alteridade não é um obstáculo, mas a própria condição de possibilidade do encontro. A pesquisadora ou o pesquisador se insere nesse movimento, não como um observador distante, mas como alguém que se envolve com o vivido e com o que emerge no processo de escrita. Ser afetado não implica identificar-se com o ponto de vista do Outro, tampouco se aproveitar da experiência de campo para exercitar seu narcisismo. "Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assuma o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer." (Favret-Saada, 2005, p. 160).

3. O ENCONTRO COM O OUTRO: ALTERIDADE E ÉTICA NA PESQUISA

A filosofia de Emmanuel Lévinas oferece um caminho fecundo para refletir sobre a alteridade, ao evidenciar que o encontro com o outro rompe com a interioridade do eu e convoca a uma responsabilidade ética capaz de transformar tanto a existência quanto a própria prática de pesquisa. Tal abordagem exige uma abertura à singularidade, reconhecendo que o encontro ético não se estabelece por meio da apreensão conceitual ou da redução do outro a categorias familiares, mas pela resposta que acolhe sua diferença irredutível (Marques *et al.*, 2021). Para Lévinas, o Outro é uma presença enigmática que escapa à captura do conceito, desarticula a interioridade e interrompe a soberania do eu. Ele se manifesta por meio de um dizer que não pode ser representado nem possuído (Marques *et al.*, 2021). Brandão e Marques (2024) observam que essa radical alteridade mantém o Outro distante e irredutível, desafiando a identidade do eu e instaurando uma intersubjetividade assimétrica que o transforma, impedindo qualquer retorno ao estado anterior e exigindo uma resposta ética que promove a proximidade e a possibilidade de avizinhamento.

A noção de rosto, central no pensamento de Lévinas, vai além da face física, ela simboliza um apelo ético que nos interpela[6], desestabiliza nossas certezas e questiona nossos pressupostos. Segundo Brandão, Marques (2024), o rosto expressa a força de uma presença que nos encara e nos desafia a reconsiderar nossa concepção de mundo e de alteridade. Ele se apresenta como uma corporeidade que ultrapassa o que é dito, desafiando o *self* e abrindo o sujeito à alteridade infinita e irrepresentável.

[6] Lévinas define a interpelação como a relação de responsabilidade que se estabelece no encontro com o Outro, pois escutar sua demanda, ser convocado por ele exige uma resposta. O encontro estruturado como uma resposta a uma interpelação reconhece a alteridade irredutível que se manifesta no "acolhimento irrestrito àquele que se coloca diante de mim e que, em seu apelo, me constitui e me contesta" (Lévinas, 1999, p. 150 *apud* Brandão, Marques, 2024, p. 50).

> O rosto fala, ele se endereça a nós e nos convida a elaborar uma resposta. A relação com o rosto é discursiva, mas não nos moldes de uma troca argumentativa ou de um debate que requer construção justificada de pontos de vista. A exterioridade do rosto primeiro abala a interioridade de quem o escuta. Por essa via, o eu e o Outro surgem juntos: a subjetividade surge como parceira do enigma. Visto por Lévinas como a "transcendência que perturba o ser", o enigma do rosto é a única coisa que nos permite a existência (Marques *et al*., 2021, p. 68).

Brandão, Marques (2024) destacam que o rosto, enquanto chamado do Outro, resiste a qualquer tentativa de redução ao conhecimento ou à racionalidade. Ele ultrapassa as representações e convida à acolhida da singularidade em uma relação ética que, ao nos confrontar com a vulnerabilidade, provoca uma reconfiguração identitária e inaugura vínculos que desafiam a lógica da redução. Como observa Derrida, citado por Marques *et al.* (2021, p. 69): "O dizer que acessa o outro em sua estranheza, discurso fundante, surge com a aparência do rosto e a desarticulação do *self* no encontro com o outro e a escuta de seu apelo."

Nesse sentido, o rosto convoca à hospitalidade e a uma sociabilidade fundamentada em relações éticas de acolhimento, mais do que em representações ou julgamentos do outro. A ética levinasiana exige uma abertura contínua à alteridade radical, promovendo uma responsabilidade que transcende os limites do ser e da racionalidade conceitual. O rosto, enquanto apelo do Outro, desafia as fronteiras da subjetividade e desloca as sujeitas e os sujeitos do centro da experiência, convocando-os à escuta, ao acolhimento e à resposta diante da vulnerabilidade. Essa abertura, sustentada pela ética do rosto, desdobra-se na noção de hospitalidade em Lévinas. Para o autor, acolher o Outro não depende de reciprocidade ou semelhança, mas configura um movimento incondicional, que fundamenta a relação na vulnerabilidade e na disponibilidade ética. Assim, a hospitalidade ultrapassa o gesto de recepção para se afirmar como disposição ética que desestabiliza a soberania do eu e instaura uma responsabilidade irrestrita diante da alteridade.

Essa abertura ética ao outro, proposta por Lévinas e desdobrada em sua relação com a hospitalidade, pode ser também pensada a partir da comunicação como experiência de transbordamento entre interioridade e exterioridade. Como afirmam Sodré e Paiva (2010, p. 18), "o sujeito que se comunica é o mesmo ser como "entre", logo, uma interioridade destinada a uma exterioridade, o Outro." A comunicação, nesse sentido, não é uma mediação neutra entre dois pólos isolados, mas um atravessamento, uma disposição de escuta e implicação. Esse

"entre" é também o lugar do risco e da transformação, onde a subjetividade se deixa tocar, interromper e reconfigurar pelo encontro. No campo desta pesquisa-ação, esse chamado ético do rosto encontra ressonância nas experiências compartilhadas com as trabalhadoras sexuais trans e travestis, cuja presença convoca a escuta e desloca qualquer pretensão de neutralidade. O grupo de escrita, nesse contexto, não se organiza apenas como técnica metodológica, mas como espaço de avizinhamento, onde a relação com o outro, em sua radical alteridade, exige uma resposta sensível, situada e implicada.

4. A HOSPITALIDADE COMO PRÁTICA DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO

Em Lévinas, a ética precede as normas, manifestando-se como um chamado à responsabilidade diante do rosto do Outro e um apelo que antecede qualquer julgamento ou reconhecimento. Já em Derrida, a hospitalidade se configura como o gesto de ceder o lugar, de permitir que o outro se inscreva sem imposição de conformidade. À luz de Lévinas, Derrida sugere:

> A maneira como Derrida (2005) propõe o conceito de hospitalidade a partir de sua leitura de Lévinas perpassa nossa reflexão, de modo a compreender a hospitalidade como abertura ao Outro, como acolhimento e consideração incondicional do estrangeiro que chega e nos demanda abrigo. A hospitalidade não é um problema ético específico, mas uma relação na qual o Outro não será apropriado por quem o acolhe (Brandão, Marques, 2024, p. 49).

Trata-se de uma ação de abertura do sujeito dono da casa, uma recepção ativa: a ação de ceder lugar. É preciso permitir que o outro absoluto – vindo do estrangeiro (o que é diferente de dizer o outro estrangeiro, nos termos da formulação de Derrida) – receba um lugar dentro do lugar do hóspede. O dono da casa, soberano, deve ceder espaço ao outro absoluto sem nome, de fora e talvez bárbaro, talvez errante, o que não é estrangeiro, mas que vem do estrangeiro. O sujeito vindo de fora é qualquer um que chega e de quem não se sabe nada, nem o nome, nem a origem (territorial, familiar) e a quem não se interroga: primeiro se recebe e se cede lugar. Do mesmo modo, o trabalho de campo proposto nesta pesquisa pretende construir, com as participantes, esse espaço de recepção e escuta incondicional, onde o outro não seja interpelado a se justificar, mas acolhido em sua presença, mesmo e sobretudo, quando ela é indizível.

Para chegar nessa hospitalidade por vir, como demanda ética a ser construída no mundo cosmopolita, Derrida antes caminha pela desconstrução da própria noção de hospitalidade como idealizada como direito universal (a partir da herança grega), revelando o quanto a hospitalidade

é condicionada porque oferecida apenas a determinado sujeito: o estrangeiro, que deve comparecer como condição para a concessão da hospitalidade.

Derrida aponta, então, o paradoxo da hospitalidade: se ela exige a identificação de um estrangeiro pelo seu nome, sua linhagem, que responde por ele antes mesmo que possa chegar, ela não pode ser considerada incondicional. A partir da retomada dos diálogos de Platão no Sofista, o filósofo franco-argelino mostra a paradoxal origem do termo *ksénos* em Atenas: por um lado, a hospitalidade ao estrangeiro é um direito desde o surgimento da política grega. Por outro, tal direito qualifica determinado sujeito de direito deste pacto que, para ter direito à hospitalidade, precisa comparecer em sua linhagem familiar. Nas palavras de Derrida, "bem pensado, isso faz refletir sobre que, para começar, o direito à hospitalidade pressupõe uma casa, uma linhagem, uma família, um grupo familiar ou étnico recebendo um grupo familiar, ou étnico." (2003, p. 21). Assim, a hospitalidade como direito excede a uma identificação como pertencimento a um território, no sentido da nacionalidade: ela demanda um nome que carrega uma linhagem, herança familiar, uma origem – é o telos do lugar do estrangeiro que comparece diante do telos da pólis/Estado.

Mas para Derrida, a hospitalidade é incondicional: acontece quando aquele que detém a casa e as normas se permite trocar de lugar com o outro absoluto. Ela não preexiste, é uma prática de um sujeito em seu próprio espaço que o oferece ao outro, com um gesto de desenraizamento. Trata-se de uma oferta de lugar sem a imposição de condições prévias (como pacto ou direito). O espaço, antes pertencente ao anfitrião, é cedido, tornando-se dom na hospitalidade incondicional. É nessa entrega, na transmutação do próprio lugar em lugar do outro – aquele que vem de fora –, que a própria questão da hospitalidade se coloca. Assim, ela se inscreve como uma dimensão ética e política do acolhimento, da abertura ao outro no espaço da vida cotidiana.

No âmbito desta pesquisa-ação, a hospitalidade se expressa como um princípio ético que desloca a pesquisadora do lugar de autoridade para uma posição de escuta e abertura. Recusar o papel de "dona da casa" implica reconhecer que o conhecimento se constrói a partir da disposição em acolher o outro em sua diferença. Esse gesto exige uma reconfiguração do espaço da pesquisa como território compartilhado, onde o saber se produz no entre, entre vozes, experiências, afetos e atravessamentos.

Ainda que o corpus da pesquisa esteja delineado e seus fundamentos teóricos apresentados, o trabalho de campo será realizado no segundo semestre de 2025. Isso significa que o objeto empírico permanece aberto, em constituição. Ressaltamos que a pesquisa "Escritas de si de trabalhadoras sexuais trans e travestis: a estética da (r)existência" parte de uma escuta implicada, que se traduz na escrita de si como prática de um fazer-se. Mais do que participantes de um estudo, as travestis e mulheres trans que compõem esta pesquisa são convidadas como coautoras de uma cena de enunciação compartilhada, onde o dizer não se limita à exposição de vivências, mas se torna gesto criador. Seus relatos não apenas comunicam experiências, mas as reconfiguram, reinscrevendo-as em outras formas de existência e linguagem.

Nesse movimento, a escrita de si se constitui como prática de deslocamento e elaboração, em que o sujeito emerge não como dado, mas como entres de um processo. A pesquisa, assim, não oferece um lugar de fala previamente moldado, mas um espaço de hospitalidade discursiva, onde o Outro possa dizer-se sem a exigência de conformidade, respondendo ao chamado ético de uma escuta que acolhe o inacabado, o indizível, o por-vir. A linguagem opera, aqui, como meio de encontro e transformação. E, sobretudo, a escrita de si não se apresenta como expressão individual isolada, distanciada, mas como gesto relacional, que permite que as participantes estabeleçam interlocuções entre si, com a pesquisadora e consigo mesmas, em uma dinâmica não hierárquica. A hospitalidade, nesse contexto, consiste em abrir espaço para essa emergência, reconhecendo cada escrita como um modo singular de existir e de partilhar.

Essa dimensão relacional da escrita, entendida como gesto de partilha e abertura ao outro, nos conduz a refletir sobre as formas pelas quais a hospitalidade se manifesta na linguagem. É nesse sentido que se insere o texto exposto no Museu da Diversidade Sexual de São Paulo. Ali, inscrito na parede, o texto em pajubá[7] narra a história de Xica Manicongo, revelando não apenas a narrativa em si, mas também os modos de contar a história, evidenciando quem narra e quem é narrado. O pajubá, além de ser uma linguagem, é uma tecnologia de existência e resistência, uma forma de driblar a vigilância da norma, fabular subjetividades e construir outros espaços de vida, constituindo um modo seguro de comunicação, como ilustra o texto "A Cacurucaia das Travestis Dudum no Brasil":

[7] Pajubá, também grafado bajubá, é um conjunto de expressões e vocábulos oriundos principalmente de línguas africanas, especialmente do iorubá, incorporado e reinventado sobretudo por travestis e mulheres trans no Brasil.

> Batendo endaca sobre Xica Manicongo, a primeira mona de equê dundum com registro histórico no Brasil. Acuendaram a Xica do Congo e azuelaram para o Brasil. Servia os ocós chefes, foi vendida pra um ocó desacuendador de abadás. Xica andava pelos mitiês de Salvador com oxó de mona amapoa, um chocotê acuendado de banda na linha dos quimbandas. Ela era odara e muito acuendada pelos ocós bamerindos. Como Xica não usava oxó de ocó deu uma quizila, acuenda os catarina! Então um aja gangun fez larué pros alibans do ile de aleluia Foi uó! Teve um xaum para acuendar o xiré e saber se tinha fundamento a endaca de afofo. Pra Xica não ser cufada desaguendou do oxó de mona amapoa. A mona desaquendou o oxo de mona amapoa só de equê, no truque. Xica Manicongo é a mona cacurucaia odara das ades dudum do Brasil. (Jovanna; Letícia. Texto exposto na parede do Museu da Diversidade Sexual de São Paulo. Visita em 17 out. 2024).

A diferença está na própria linguagem, que expressa a intraduzibilidade da experiência de ser travesti. É no pajubá, enquanto manifestação linguageira de outros modos de vida, que a diferença se instaura no risco da escrita. Novamente, retomamos Derrida (2000) ao abordar a língua como espaço da diferença, que assim nos convida a refletir sobre os limites e paradoxos da hospitalidade. Ele argumenta que a hospitalidade não é absoluta ou incondicional, pois está inserida na lógica de um anfitrião que acolhe segundo suas próprias regras, implicando uma dimensão inerente de hostilidade. Para tensionar esses limites, Derrida propõe a fusão dos termos hospitalidade e hostilidade: "hostipitalidade", evidenciando a ambivalência do gesto de acolher, que pode simultaneamente impor barreiras à diferença do outro. Destacamos, contudo, que a diferença não representa um obstáculo à hospitalidade, mas um elemento constitutivo dela, como ilustra ao optar por falar em francês diante de uma plateia estrangeira, criando um espaço de diferença radical.

> Aqui está, de qualquer forma, a frase que lhes dirijo, que já lhes dirigi e que agora coloco entre aspas. "Nós não sabemos o que é hospitalidade." É uma frase que lhes dirijo em francês, em minha língua, em minha casa, para começar e para lhes dar boas-vindas quando começo a falar em minha língua, o que parece supor que estou aqui como mestre em minha própria casa, que estou recebendo, convidando, aceitando ou acolhendo vocês, permitindo-lhes cruzar o limiar, ao dizer 'bienvenue,' 'welcome' a vocês (Derrida, 2000, p. 6, tradução nossa).

Ao falar em francês, sua língua nativa, diante de uma plateia estrangeira, o texto de Derrida encena e evidência a tensão inerente à hospitalidade linguística: ele acolhe o outro, mas dentro das normas da sua própria língua, revelando que toda hospitalidade carrega limites e fronteiras. Isso implica em adotar as regras da casa como modo de entrada e endereçamento ao Outro, que já se torna outro de partida. No Museu da Diversidade Sexual, por exemplo, o texto exposto em pajubá não apenas documenta a experiência das travestis, mas instaura um regime de abertura, uma hospitalidade linguística que permite a emergência de outras formas de

existência. Nesse contexto, a escrita deixa de ser um ato de enunciação individual para se configurar como um gesto de acolhimento, permitindo a fala do outro sem a submeter a traduções normativas ou enquadramentos que dissolvam sua diferença.

Desdobrada no campo da linguagem, a hospitalidade encontra na escrita de si uma prática que a realiza metodologicamente. Mais do que um gesto de recepção, trata-se de uma abertura efetiva, que permite ao outro falar em sua própria linguagem, sem ser reduzido a categorias normativas ou discursos estabilizados. Assim, a escrita opera como uma fronteira: preserva a autonomia da pesquisadora e sua distância constitutiva em relação às sujeitas sobre as quais é com as quais se pesquisa, ao mesmo tempo, em que se converte em espaço de acolhimento, onde a diferença não é suprimida, mas reconhecida como condição do encontro.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho consistiu em delinear o percurso teórico-metodológico que sustenta uma pesquisa em Comunicação comprometida com a escuta, a linguagem e as práticas de subjetivação de trabalhadoras sexuais trans e travestis. A partir da escrita de si, do método dos afetos, da hospitalidade e da alteridade, buscamos construir um gesto investigativo que desestabiliza hierarquias tradicionais entre pesquisadora e participantes, instaurando uma escuta que não apenas coleta, mas se deixa afetar.

As reflexões desenvolvidas ao longo do texto evidenciaram como a virada afetiva e a escrita de si tornam visíveis questões éticas, estéticas e políticas da pesquisa. Esses métodos possibilitam que as participantes se inscrevam em seus próprios termos, sem serem reduzidas a categorias prévias. Instaura-se, assim, um gesto de abertura no qual o outro é acolhido em sua singularidade. A escrita de si afirma-se, nesse contexto, como um gesto hospitaleiro, capaz de desafiar formas tradicionais de produção de conhecimento.

No caso específico desta investigação, tais abordagens contribuem para a afirmação de existências historicamente negadas, em que a linguagem opera como acolhimento, criando condições para que suas vozes ressoem sem mediações que as silenciem. Ao propor a escrita de si como prática partilhada, articulamos fundamentos teóricos a um gesto ético-estético de escuta e coabitação simbólica. A escrita é compreendida como prática de subjetivação que desloca a centralidade da pesquisadora como detentora da fala autorizada, convocando as participantes à enunciação. Essa proposta, ancorada na hospitalidade derridiana, entende o acolhimento não como recepção passiva, mas como abertura radical ao que é incalculável em

cada encontro. O método, assim, não se limita à aplicação de técnicas, mas cria condições situadas para que a linguagem opere como lugar de mundo, onde vozes dissidentes possam emergir sem serem traduzidas ou absorvidas pela lógica acadêmica.

Com Derrida, é preciso lembrar que o território da linguagem é atravessado por tensões entre hospitalidade e hostilidade: "hostipitalidade". Aproximar-se do lugar ocupado por trabalhadoras sexuais trans e travestis exige reconhecer esse duplo movimento. Podemos tanto ocupar seus territórios como pesquisadoras estrangeiras – *xénos* – quanto nos deixar afetar por esses espaços e pelas interações que ali se produzem. Em um gesto de abertura, reconhecemos as participantes como protagonistas da pesquisa, em sua própria linguagem.

Com o exercício da pesquisa-ação, intencionamos que ocupem a posição de autoras e produtoras de suas próprias escritas. Ainda assim, há o risco de que a escrita acadêmica reinstaure hierarquias, mantendo o controle sobre a palavra e a enunciação. Se nos tornamos aquelas que "dizem", pela força das normas do discurso científico, a pesquisa pode também converter-se em um espaço de hostilidade, reafirmando saberes instituídos e distâncias entre pesquisadoras e participantes. É por isso que os conceitos de hospitalidade e alteridade funcionam como bússolas éticas para dissolver dicotomias como sujeito e objeto, logos e pathos. Procuramos outro modo de aproximação ao campo: a constituição de um corpus que emerge da mútua afetação entre pesquisadora e sujeitas com as quais pesquisamos. Trata-se de um espaço compartilhado, onde novas formas de existência e narração se tornam possíveis. Toda hospitalidade linguística, nesse horizonte, implica uma negociação entre abertura ao outro e preservação da diferença.

A pesquisa configura-se, assim, como campo de afetação recíproca, em que o relato de si deixa de ser apenas instrumento analítico e se torna exercício de elaboração e invenção de modos de existir. A hospitalidade implica disposição à transformação, uma escrita relacional, que acolhe a diferença e reconfigura o próprio ato de investigar. Em um movimento contínuo de ação e reflexão, amplia-se o campo do saber e da experiência.

Dessa forma, a hospitalidade não é apenas princípio metodológico, mas prática de abertura que se realiza na escuta, na partilha e na coabitação simbólica. Mais do que um conceito, ela sustenta um modo de fazer pesquisa comprometido com o inacabado, com o que escapa às formas convencionais de produção de conhecimento. É nesse horizonte que se desenha o campo: espaço de presença, deslocamento e criação, onde a escrita de si opera como

gesto estético-político de afirmação de existências. A pesquisa, nesse sentido, não apenas acolhe, mas faz lugar para que novas formas de narrar, habitar e transformar o mundo possam emergir.

Como nos lembra Martino (2016), o outro é o mais infinito dos mistérios. E tanto mais misterioso por ser semelhante a um eu em constante transformação, moldado pelos atravessamentos da alteridade. Cada encontro com o outro nos convoca à responsabilidade, responsabilidade que se manifesta nos pequenos gestos, nas respostas, mesmo silenciosas, às interpelações do mundo; "Resposta", "responsabilidade" e "respeito" compartilham a mesma raiz etimológica: a própria noção de responsabilidade está ligada à possibilidade de responder.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Vanessa; MARQUES, Ângela. **A solidariedade hospitaleira levinasiana e o trabalho sensível das imagens no pensamento de Didi-Huberman**. Revista Hospitalidade. São Paulo, v. 21, p. 48-74, 2024.

BRANDÃO, Vanessa; CARVALHO, Bianca; CANÇADO, Carolina; ROCHA, Pedro Henrique. **A mobilização afetiva do saber: literatura como mediação da experiência do conhecimento**. In: PESSOA, Sônia; MARQUES, Ângela; MENDONÇA, Carlos. (orgs.). Afetos: pesquisas, reflexões e experiências em quatro encontros com Jean-Luc Moriceau. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2019.

DERRIDA, Jacques. **Hostipitality.** Angelaki: Journal of Theoretical Humanities, v. 5, n. 3, p. 3-18, dez. 2000.

DERRIDA, Jacques e DUFOURMANTELLE, Anne. **Da Hospitalidade; Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade**. São Paulo: Escuta, 2003.

DIAS, Juarez Guimarães. **Quem conta a sua história? Experiências afetivas de escrita autobiográfica e performativa LGBTQIAPN+ em grupos de WhatsApp**. In: FIORINI, Juan; MOREIRA, Maria Elisa; PEREIRA, Vinícius (orgs.). Literatura em movimento: ocupações do espaço físico e digital. 1ed. Belo Horizonte: Tradição Planalto Produções Visuais e Editoriais, p. 96-109, 2023.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser afetado.** Tradução de Paula Siqueira. Cadernos de Campo, São Paulo: USP, n. 13, p. 155–161, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Org.: Manoel Barros da Motta; trad. Elisa Monteiro, Inés Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1ed. Col. Ditos e Escritos; v. 1. 2004.

JOVANNA, Baby; LETÍCIA, Carolina. **Museu da Diversidade Sexual.** São Paulo. Visita realizada em out. 2024.

KOERICH, M. S., BACKES, D. S., SOUSA, F. G. M., ERDMANN, A. L., & ALBUQUERQUE, G. L. **Pesquisa-ação: ferramenta metodológica para a pesquisa qualitativa**. Revista Eletrônica de Enfermagem, v.11, n. 3, pp. 717-723, 2009.

MARQUES, Ângela; PRADO, Marco Aurélio. **O método da igualdade: vozes, corpos e materialidades em percursos metodológicos com experiências subalternas**. In: SARAIVA, Luiz; PESSOA, Sônia; MANTOVANI, Camila (orgs.). Metodologias vulneráveis. Cachoeirinha: Fi, p.154-155, 2023.

MARQUES, Ângela; MARTINO, Luis; MORICEAU, Jean-Luc; HERNANDEZ, Frederico. **O enigma do outro: contribuições do pensamento de Emmanuel Lévinas para pesquisa com afetos.** In: CALDAS, Sônia; MARQUES, Ângela; MENDONÇA, Carlos (orgs.). Afetos, teses e argumentos. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, p.65-81, 2021.

MARQUES, Ângela; MARTINO, Luís. **A comunicação, o comum e a alteridade: para uma epistemologia da experiência estética**. LOGOS: Dossiê Cotidiano e Experiência, v. 22, n. 02, 2º semestre, p.31-44, 2015.

MARQUES, Ângela; MENDONÇA, Carlos; PESSOA, Sônia. **Apresentação**. In: MORICEAU, Jean-Luc. Afetos na pesquisa acadêmica. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, p. 11-21, 2020.

MARTINO, Luís. **Epistemologia da alteridade: entre o erklären (explicar) e o verstehen (compreender) de outrem. Líbero.** São Paulo: v. 19, n. 37-A, p. 101-108, 2016.

MORAIS, Lílian. **Letramentos de reexistência: o dialeto pajubá e a reinvenção através da língua(gem)**. Estudos de Letramentos: Anais da XV ENFOPLE. Inhumas: UEG, 2019.

MORICEAU, Jean-Luc. **Afetos na pesquisa acadêmica**. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020.

MORICEAU, Jean-Luc. **Escritura e afetos.** In: PESSOA, Sônia; MARQUES, Ângela; MENDONÇA, Carlos (orgs.). Afetos, teses e argumentos. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, p.17- 31, 2021.

MORICEAU, Jean-Luc; PAES, Isabela. **Tomar a palavra, ricos de uma voz pobre**. In: PESSOA, Sônia; MARQUES, Ângela; MENDONÇA, Carlos. (orgs.). Afetos, teses e argumentos. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021.

RAGO, **Margareth. Escritas de si, Parrésia e Feminismos**. São Paulo, 2006. Disponível: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/570/o/Margareth_Rago_-_escrita_de_si__parr%C3%A9sia_e_feminismos.pdf > Acesso: 11/02/2025.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. **A tecnologia, a informação e o comum**. Revista Alceu, v. 10 (20), p. 16-24, jan./jun. 2010.

Renata Coutinho de Moura
Mestranda em Comunicação Social na UFMG. Pós-graduada em Processos Criativos em Palavra e Imagem (PUC Minas). Graduada em Design Gráfico (UNA) e Comunicação Social (UNI-BH). Integra o grupo de pesquisa Saúde, Educação e Cidadania da Fiocruz Minas.

Vanessa Cardozo Brandão
Professora Adjunta do Departamento de Comunicação Social da UFMG, Professora Permanente do PPGCOM/UFMG. Doutora em Literatura Comparada pela UFF, Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC Minas e Graduada em Comunicação Social (habilitação Publicidade e Propaganda) pela UFMG. Pesquisa nas áreas de Comunicação e Literatura, com os temas pós-modernidade e produção literária, literatura expandida, escrita e intermidialidade, escrita e narratividade em redes digitais, processos de produção, circulação e recepção de textos poéticos no contexto de midiatização.

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-Não-Comercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional